

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Fabiana Xavier de Rezende Godinho

O PAPEL E A FUNÇÃO DA COORDENADORA PEDAGÓGICA NA UMEI
MARIQUINHAS

Belo Horizonte

2010

Fabiana Xavier de Rezende Godinho

**O PAPEL E A FUNÇÃO DA COORDENADORA PEDAGÓGICA NA UMEI
MARIQUINHAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Educação Infantil pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Isabel de Oliveira e Silva

Belo Horizonte

2010

GODINHO, Fabiana Xavier de Rezende

O papel e a função da coordenadora pedagógica na Umei Mariquinhas / Fabiana Xavier de Rezende Godinho – 2010

50 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Minas Gerais, Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, dez. 2010.

Orientação: Professora Isabel de Oliveira e Silva, Faculdade de Educação.

1. Educação Infantil
2. Profissionais da Educação Infantil
3. Coordenação Pedagógica

Fabiana Xavier de Rezende Godinho

O PAPEL E A FUNÇÃO DA COORDENADORA PEDAGÓGICA NA UMEI
MARIQUINHAS

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Educação Infantil pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em 11 de dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Isabel de Oliveira e Silva - Faculdade de Educação da UFMG - Orientadora

Iza Rodrigues da Luz – Faculdade de Educação da UFMG - Examinadora

A meu marido, pais, irmã e amigas

*Não que já a tenha alcançado ou que seja perfeito;
mas prossigo para alcançar aquilo para o
que fui também preso por Cristo Jesus
Filipenses 4:12*

RESUMO

A educação infantil surge no Brasil após o reconhecimento da mesma através de leis e resolução que prescrevem um bom atendimento para crianças de zero a cinco anos de idade. É através destas leis que se reforça a preocupação da qualificação dos profissionais de educação infantil, com a exigência mínima de formação no ensino médio com habilitação em Magistério. De acordo com a exigência mínima para atuar na educação infantil a Prefeitura de Belo Horizonte cria o cargo de educador infantil. O grupo escolhe entre si qual será o Coordenador, não sendo exigido a formação específica para o cargo. Diante disto, a não valorização e a ausência de clareza do papel do Coordenador perante os colegas e as Secretarias de Educação e Regionais, por causa do não estabelecimento de Leis, Portarias e Resoluções dentro do município de Belo Horizonte, cria-se um grande desgaste, pois aquele ou aquela que ocupa este cargo desempenha múltiplas funções.

Palavras-chaves: Educação Infantil, Profissionais da Educação Infantil, Coordenação Pedagógica

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	08
2 - EDUCAÇÃO INFANTIL	12
2.1 - No Brasil	12
2.2 – Na UMEI Mariquinhas	15
3 – OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	17
4 – REFLETINDO SOBRE A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DA UMEI MARIQUINHAS	22
4.1 – Concepção de Coordenador Pedagógico nos Documentos da SMED	22
4.2- A função do Coordenador Pedagógico	25
4.3 – Relação Coordenador/educadores	27
4.4– Reflexão da prática	32
5– CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
7 - APÊNDICE	41
8 - ANEXOS	46

1- INTRODUÇÃO

O papel do coordenador pedagógico na Rede Municipal de Belo Horizonte é insatisfatório, pois não existe um profissional habilitado e específico para esta área. Os próprios educadores assumem esta função causando assim um desconforto, pois ninguém quer estar neste lugar, devido a grande responsabilidade e a falta de uma remuneração justa.

A função de coordenação pedagógica representa uma estrutura inovadora para a educação da primeira infância, pois, configura-se como instrumento de programação, estudo, organização, verificação e síntese do Projeto Político Pedagógico (PPP).

Cabe, também, à coordenação pedagógica detectar as dificuldades e necessidades dos grupos de professores, na medida em que organiza e orienta a discussão coletiva a respeito do planejamento das práticas pedagógicas, garantindo espaço para que todos explicitem as suas opiniões e sugestões.” (CUNHA, 2005, p.199)

Como um dos atores que compõem o coletivo da escola a coordenadora pedagógica pode ser um dos agentes de mudanças das práticas dos professores/ educadores. FALCÃO FILHO (2007) afirma que a coordenação pedagógica se compõe de quatro momentos: acompanhamento, assistência, orientação e articulação. Ou seja, no acompanhamento identificam-se as ações; na assistência o coordenador revela-se como alguém com condições de ajudar e sugerir, é neste momento de ajuda e sugestões de atividades que surge a orientação. Já a articulação se dá no desenvolvimento das ações que visam unir e integrar os docentes na busca de objetivos comuns.

“ A escola, espaço originário da atuação dos educadores, mantém uma relação dialética com a sociedade: ao mesmo tempo em que reproduz, ela transforma a sociedade e a cultura. Os movimentos de transformação são simultâneos. As práticas dos educadores que ocorrem na escola, também se apresentam dialéticas, complexas. Desvelar e explicitar as contradições subjacentes a essas práticas são alguns objetivos do trabalho dos coordenadores, quando planejado na direção da transformação.”(ORSOLON, 2002, p.18).

De acordo com PLACCO (2003), para o coordenador pedagógico, o principal objetivo de sua função é garantir um processo de aprendizagem saudável e bem sucedido para as crianças. Para tanto, ele desenvolve tarefas burocráticas, atende aos pais e crianças, cuida e planeja todo o processo do ano letivo prevendo as emergências e imprevistos e principalmente cuida da formação em serviço dos educadores com quem trabalha.

Para obter uma boa formação do profissional é preciso um diálogo permanente no

cotidiano da escola e uma reflexão sobre seu papel, problematizando sua atuação, identificando erros e as falhas para redirecionar a busca de uma nova prática, consciente e atuante.

Das interações que ocorrem na escola entre educador (as) e funcionários, com os alunos e a direção decorre a construção de identidades profissionais e a formação de valores, atitudes e concepções de educação, de homem e de sociedade que segundo PLACCO (2003) é um processo contínuo e complexo que visa refletir sobre a reconstrução da prática cotidiana. Tudo isso gera emoções e sentimentos e mexe com aspectos subjetivos envolvidos.

A angústia por ver as pessoas assumindo o cargo de Coordenadora Pedagógica dentro da Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) apenas por ser a opção restante ou por indicação/votação dos colegas e não por estarem envolvidas no processo de construção, mudanças e melhoramentos pedagógicos, me levaram a escolha do tema “O papel e a função da Coordenadora Pedagógica na UMEI Mariquinhas”, com o objetivo de mostrar a importância de ter na função de Coordenador Pedagógico uma pessoa habilitada e envolvida neste cargo, criando uma imagem positiva.

“O coordenador/educador será um agente transformador na medida em que transformar a si mesmo e, por consequência a realidade” (ORSOLON, 2002, p. 26).

A partir destas reflexões irei relatar um pouco do trabalho no ano letivo de 2009 dentro da UMEI Mariquinhas, que foi muito difícil, pois era um grupo em que o entrosamento e o companheirismo não existiam. As posturas eram individuais e na maioria das vezes as intervenções pedagógicas não eram aceitas.

Uma das muitas dificuldades enfrentadas neste período, foi no estudo das proposições que demandava a participação do grupo em seus momentos de Atividades Coletivas de Planejamento e Avaliação do Trabalho Escolar (ACPATE), percebi que houve uma rejeição do mesmo. Mesmo sabendo que estes estudos em equipe posteriormente iriam ser discutidos nas reuniões de coordenação pedagógica realizada mensalmente pela Regional Norte.

Neste mesmo ano, notei que as dificuldades aumentavam em decorrência da nova direção. Percebendo na prática que a equipe tinha posturas distintas e diversificadas, a Vice-diretora iniciou o seu mandato com certa rejeição não só por parte dos educadores, mas dos outros funcionários que tinham medo de certas mudanças.

Foram necessárias intervenções da coordenadora e vice-diretora nas práticas pedagógicas durante os momentos livres (parque) assim como em sala de aula, pedindo-se uma atenção maior com as crianças, o que gerou um mal estar no primeiro ano de sua gestão,

pois, estes momentos deveriam de brincadeiras livres e atividades pensadas com a mediação das educadoras e isto não acontecia na prática diária.

No ano de 2010 observei que ocorreram mudanças significativas na equipe, tanto no relacionamento pessoal, quanto nas práticas pedagógicas. A vice-direção e a coordenação iniciaram mudanças na disposição de horários de recreação, para que houvesse um entrosamento maior dos educadores com outros grupos de ciclos na infância acabando com a formação de “panelinhas”. Desta maneira, percebi uma aproximação maior das educadoras. Após fazerem uma análise em sua prática tiveram iniciativas de procurar o apoio da coordenação no auxílio da construção de projetos, passando a participar de reuniões pedagógicas e atividades propostas, o grupo envolve-se em momentos de reflexão enriquecendo sua prática do dia a dia.

Depois de todas as intervenções feitas o grupo ainda não alcançou totalmente o entrosamento adequado para realizações dos trabalhos dentro da escola, e nem o envolvimento desejado, porém, iniciamos um ambiente mais saudável tanto para os educadores como para as crianças. Observo que é um trabalho gradativo, sempre estarei sujeita a críticas, rejeições, elogios, cumplicidade e compreensão, mas não posso desistir nunca de estimular o processo criativo do educador, pois este é o meu papel.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a função do Coordenador Pedagógico dentro da UMEI Mariquinhas por meio do desenvolvimento de um plano de ação referente ao papel da Coordenadora Pedagógica.

Tendo em vista alcançar o meu objetivo, procurei me fundamentar em documentos científicos sobre os profissionais da educação infantil (professores e educadores) e documentos oficiais da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte que abordam sobre a função do coordenador pedagógico na educação infantil na rede. Desenvolvi um Plano de Ação no qual, realizei uma dinâmica e entrevistas que me deram embasamento para orientar o trabalho como Coordenadora Pedagógica dentro da UMEI Mariquinhas.

O presente trabalho é composto por cinco capítulos: Introdução, Educação infantil, Os profissionais da educação infantil, Refletindo sobre a coordenação pedagógica na UMEI Mariquinhas e Considerações finais.

Para construção do Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização, contei com a participação das colegas Cleonice Vieira de Andrade¹, Lisa Minelli Feital e Luciana Paula de Melo, onde reuníamos cada dia em uma casa, discutindo e dando idéias sobre os temas

1 Todas as colegas citadas autorizaram colocar seu nome e foto.

específicos de cada uma. Sendo momentos de descontração e reflexão que me possibilitaram a ampliação dos conhecimentos dentro de diversas áreas.

No primeiro momento sentia um desconforto da colega Lisa, pois segundo a mesma, por ser filha única não dava conta de dividir nada conosco, nem participar do nosso piquenique em que se dividia o que cada colega iria levar. O que com o passar do tempo se modificou e Lisa se interagiu mais com o grupo.

Estes encontros foram de grande valia para todas nós, pois através deles, tivemos a possibilidade de nos conhecer melhor, dando assim uma maior interação no trabalho e na Faculdade de Educação do Curso de Especialização.



Figura -1 Grupo amigo

2 - EDUCAÇÃO INFANTIL

Eu quero ser no mundo das crianças. Exijo os meus direitos. Pena que lá não houvesse balanços, um dos meus brinquedos favoritos. Balanços, pra existirem, precisam de árvores grandes com galhos fortes ou armações de madeira. E lá não havia nem uma coisa nem outra. É impossível balançar sem se sentir leve e com vontade de rir. Balanço é terapia contra depressão. Lembrei-me do que disse Nietzsche: o diabo nos faz graves, solenes, pesados; faz-nos afundar. Deus, ao contrário, dá leveza e nos faz flutuar. Concluo, então, que o balanço é um brinquedo divino, por aquilo que ele faz com a gente. Balançar num balanço é uma forma de rezar, de estar em comunhão com Deus.

Rubens Alves

2.1 - No Brasil

A educação infantil sofreu grandes transformações nas últimas décadas. O processo de aquisição de uma nova identidade para as instituições que trabalham com crianças foi longo e difícil. Durante esse processo percebe-se, uma nova concepção de criança, totalmente diferente da visão tradicional. Se por séculos a criança era vista como um ser sem importância, quase invisível, hoje ela é considerada em todas as suas especificidades, com identidade pessoal e histórica.

O conceito de Educação Infantil como direito social, é relativamente recente na realidade educacional brasileira, pois, as crianças de 0 – 6 anos adquiriram, com a Constituição de 1988, o direito de serem educadas em creches e pré-escolas, na sua comunidade. (BRUNO, HEYMEYER, 2003)

No período dos anos setenta, a educação infantil no Brasil foi baseada em uma política educacional que visava compensar as carências culturais e as supostas defasagens afetivas. Já na década de oitenta, os especialistas e pesquisadores da educação infantil questionaram a abordagem da privação cultural defendida por governos e alguns estudiosos, pois ao invés de conceber as crianças como carentes, deficientes, imaturas, embasados em estudos antropológicos e sociológicos mostraram que as crianças foram submetidas a uma situação desigual e que era preciso combater as desigualdades e reconhecer as diferenças.

Vistas como cidadãs de direitos que precisam ser respeitadas na sua especificidade, as crianças pertencem a uma classe social, um grupo, uma cultura. Desde então, a defesa de uma perspectiva para creches e pré-escolas tem sido um desafio para as políticas de educação. (NUNES, CORSINO, KRAMER, 2005, p. 16)

É possível perceber também nos anos 80, o processo de abertura política, onde houve pressão por parte das camadas populares para a ampliação do acesso à escola. A educação da

criança pequena passa a ser reivindicada como um dever do Estado, que até então, não havia se comprometido legalmente com essa função. Em 1988, devido à grande pressão dos movimentos feministas e dos movimentos sociais, a Constituição reconhece a educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do Estado. “Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

IV- atendimento em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade.” (Constituição Federal de 1988).¹

De acordo com CAMPOS (2002) a partir de 1994, o Ministério da Educação e do Desporto (MEC) assume o papel de propor a formulação de uma Política Nacional de Educação Infantil, em que a criança é vista como sujeito de direito, instituindo assim uma Comissão Nacional de Educação Infantil (CNEI), para elaborar e divulgar essa política em todo o País. Dentro dessas políticas, as diretrizes referem-se a duas funções da educação infantil que são consideradas indissociáveis: o cuidar e educar. Concebe a criança como um sujeito social e histórico em desenvolvimento, propondo ações pedagógicas que estimulem a interação entre a criança e seu meio físico social, respeitando seu ritmo e suas particularidades.

[...] o brincar como forma particular de expressão, pensamento e comunicação infantil e a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma.

(Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil , 1998, p. 13)

Visando o fortalecimento da nova concepção de infância, garantindo em lei os direitos da criança enquanto cidadã é criado em 13 de julho de 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei nº 9394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) que incorpora a educação infantil como primeiro nível da Educação Básica, e formaliza a competência prioritária dos municípios em relação a essa etapa de ensino.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

1 - Em 2006, a Emenda Constitucional nº11.274/06 inclui as crianças de 6 anos no Ensino Fundamental

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

(LDBEN, 1996)

Em 1998, é criado o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), um documento que procura nortear o trabalho realizado com crianças de 0 a 6 anos de idade. Ele representa um avanço na busca de se estruturar melhor o papel da educação infantil, trazendo uma proposta que integra o cuidar e o educar, o que é hoje um dos maiores desafios da educação infantil.

De acordo com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, as mudanças ocorridas na legislação e a construção das necessidades dessas mudanças na educação infantil foram, resultados das lutas de movimentos sociais (pais, mães e comunidades) inseridas no processo.

Em Belo Horizonte com a instituição da Lei Municipal 7.543, de 30 de junho de 1998 é criado o Conselho Municipal de Educação de Belo Horizonte (CME/BH) que fixa normas para as Instituições Educação de Infantil e autoriza o funcionamento.

Art. 3º A educação infantil será oferecida em:

I - creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos.

§ 1º. Para fins desta Resolução, entidades equivalentes a creches e pré-escolas, às quais se referem os incisos deste artigo, são todas aquelas responsáveis pela educação e cuidado de crianças de zero a seis anos.

§ 2º. As instituições de educação infantil que mantêm, simultaneamente, o atendimento a crianças de zero a três anos em creches e de quatro a seis anos em pré-escola, serão caracterizadas como centros de educação infantil, com denominação própria.

§ 3º. As crianças com deficiências serão atendidas na rede regular de creches e pré-escolas, públicas e privadas, respeitado o direito ao atendimento adequado em seus diferentes aspectos, através de ações compartilhadas entre as áreas de Saúde, Assistência Social e Educação.

§ 4º. Será assegurada a matrícula de crianças com deficiências no sistema regular de ensino, conforme parágrafo único, artigo 2º, alínea f da Lei 7853/89 e artigo 58 da Lei 9394/96.

§ 5º. A educação infantil poderá ser oferecida em instituição educacional que atenda outros níveis de ensino ou programas sociais, garantidas as condições de funcionamento e as exigências contidas nesta Resolução. (RESOLUÇÃO CME/BH Nº 01/2000)

Tendo como base o RCNEI e a Resolução CME/BH Nº 01/2000 a Prefeitura

Municipal de Belo Horizonte cria em 2003 o cargo de educador infantil, onde os mesmos serão responsáveis pelas práticas pedagógicas.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (RCNEI, 1998, p.23)

Desta maneira, a educação infantil sai de uma perspectiva assistencialista e transforma-se em uma proposta pedagógica aliada ao cuidar, procurando atender a criança de forma integral, onde suas especificidades (psicológica, emocional, cognitiva, física, etc.) devem ser respeitadas.

2.2 – Na UMEI Mariquinhas



Figura – 2 Escola hoje

A Unidade Municipal Educação Infantil (UMEI), situada à rua Acalifa nº 209, bairro Juliana, foi fundada em 12 de maio de 1995, inicialmente conhecida como Creche Mariquinhas ela surgiu a partir da necessidade das famílias de terem um lugar seguro para deixar seus filhos enquanto trabalhavam.

Em 2005, com a implantação da educação infantil pela Prefeitura de Belo Horizonte, a Creche Mariquinhas passa a se chamar UMEI Mariquinhas, atendendo crianças de zero a

cinco anos e oito meses nos horários parcial de 07 h às 11h e 20 min. e 13 h às 17 h e 20 min, horário integral de 07 h às 17 h e 20 min.



Figura - 3 – A UMEI quando funcionava de baixa de uma lona

A comunidade Mariquinhas é constituída por famílias de classe social baixa com renda mensal de até dois salários mínimos. Estas famílias moram em casa própria com até cinco cômodos possuindo banheiro, luz, água encanada, coleta de lixo e rua asfaltada. Porém, há ainda um grande número de famílias que ainda moram em barracões de dois ou três cômodos que ainda não possui esgoto canalizado.

A melhoria nas condições de vida da criança e o fim das desigualdades sociais devem ser enfrentados de modo mais amplo e não com políticas específicas somente para o setor educacional. Em particular, essas intervenções devem ser hoje equilibradas em base às novas situações de desvantagem e fragilidade de certas formas de convivência e das situações de nova pobreza que atingem, também, as crianças. (INGROSSO, Marco, 1998, p. 70)

A UMEI Mariquinhas é constituída por 27 educadores, sendo destes, dois estão fora do 1.5 na função de Coordenador Pedagógico (um para cada turno, conforme o documento de Estruturação do Trabalho Escolar na RME BH)² e dois fora do 1.5 para atender as turmas de 1 e 2 anos. Uma Diretora e uma Vice-diretora da escola pólo Minervina Augusta, uma Vice-diretora da UMEI, 4 faxineiras, 3 cantineiras, 2 porteiros diurno e 2 porteiros noturnos.

2 Critérios para o cálculo do nº de cargos de Educadores Infantis da Unidade Escolar:
Nº de Cargos = Nº de Turmas (A+ B) x 1.5 sendo, A = nº de turmas de tempo parcial x 1 e B = nº de turmas de tempo integral x 2.33.
Para as unidades que atendem em tempo integral, crianças de até dois anos, adicionar mais 02 cargos de educador, além do 1.5

3 – OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Evidentemente o papel dos professores das crianças pequenas é, em muitos aspectos, similar ao papel dos outros professores, mas é diferente em muitos outros. Estes aspectos diferenciados configuram uma profissionalidade específica do trabalho de educadoras de infância têm sentimentos mistos no que se refere à questão de serem iguais ou diferentes dos outros professores, nomeadamente dos professores do ensino primário.

Júlia Oliveira-Formosinho

Em relação a definição dos profissionais da educação infantil REDIN afirma que:

Definição do profissional de Educação Infantil se dará a partir do seu campo de atuação: a realidade da criança como um ser em desenvolvimento e como um ser histórico concreto, sujeito de direitos e necessidades, numa escala de importância própria, às vezes difícil de perceber adequadamente numa visão adultocêntrica. Esta criança definirá o perfil do profissional que será seu parceiro no tempo e espaço da Educação Infantil. (REDIN, 2010)

De acordo com Kramer (2005) a partir da Constituição de 1988, é reconhecido o direito de todas as crianças de 0 a 6 anos à educação. A partir de então, surge documentos voltados a uma Política Nacional de Educação Infantil e de formação dos seus profissionais.

Art. 61º. A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos:

I - a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço;
II - aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Art. 62º. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, e oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

(LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO, 1996)

Kramer (2005), afirma que com a nova LDB a educação infantil passa a ser reconhecida como parte do Sistema Municipal de Educação de cada município.

Isso significa que cada município, que tinha creches e pré-escolas na área da assistência social, precisa integrar suas redes públicas e privadas (com suas respectivas instituições particulares, comunitárias, confessionais e filantrópicas que atendem as crianças de 0 a 6 anos) ao seu sistema municipal de educação. Creches e pré-escolas passam, então, a ser consideradas legalmente instituições educativas e devem estar sob a coordenação, supervisão e orientação das Secretarias Municipais de Educação (SMEs). (KRAMER, 2005, p. 20)

Na rede municipal de Belo Horizonte a educação infantil surge com maior intensidade em 2003 após a publicação do edital nº 03/2003 que nomeou educadores com exigência mínima do Curso de nível médio completo na modalidade Normal, para atuar com faixas etária de zero a cinco anos e oito meses, onde até então a mesma era mantida, por em sua maioria, pelas creches conveniadas que atendiam crianças de 0 a 6 anos. De acordo com edital, as atribuições específicas são:

- Atuar em atividades de educação infantil atendendo no que lhe compete, a criança que, no início do ano letivo, possua idade variável entre 0 (zero) e 5 (cinco) anos e 8 (oito) meses;
- Executar atividades baseadas no conhecimento científico acerca do desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos e 8 (oito) meses, consignadas na proposta político-pedagógica;
- Organizar tempos e espaços que privilegiem o brincar como forma de expressão, pensamento e interação;
- Desenvolver atividades objetivando o cuidar e o educar como eixo norteador do desenvolvimento infantil;
- Assegurar que a criança matriculada na educação infantil tenha suas necessidades básicas de higiene, alimentação e repouso atendidas de forma adequada;
- Propiciar situações em que a criança possa construir sua autonomia;
- Implementar atividades que valorizem a diversidade sócio-cultural da comunidade atendida e ampliar o acesso aos bens sócio-culturais e artísticos disponíveis;
- Executar suas atividades pautando-se no respeito à dignidade, aos direitos e às especificidades da criança de até 5 (cinco) anos e 8 (oito) meses, em suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas, sem discriminação alguma; colaborar e participar de atividades que envolvam a comunidade;
- Colaborar no envolvimento dos pais ou de quem os substitua no processo de desenvolvimento infantil;
- Interagir com demais profissionais da instituição educacional na qual atua, para construção coletiva do projeto político-pedagógico;
- Participar de atividades de qualificação proporcionadas pela Administração Municipal;
- Refletir e avaliar sua prática profissional, buscando aperfeiçoá-la;

- Desincumbir-se de outras tarefas específicas que lhe forem atribuídas.

O profissional da Educação Infantil deverá ter um preparo especial, porque para a infância se exige o melhor do que dispomos. Mesmo porque, na relação pedagógica, não basta estar presente para ser um bom companheiro. O profissional de Educação Infantil deverá ter um domínio dos conhecimentos científicos básicos, tanto quanto conhecimentos necessários para o trabalho com a criança pequena (conhecimentos de saúde, higiene, psicologia, antropologia e história, linguagem, brinquedo e das múltiplas formas de expressão humana, de desenvolvimento físico e das questões de atendimento em situações de necessidades especiais). Precisa ainda ter sob controle seu próprio desenvolvimento, bem como estar em constante processo de construção de seus próprios conhecimentos. Ter elaborado, maduramente, a questão de seus valores, cultura, classe social, história de vida, etnia, religião e sexo. (REDIN, Euclides, 2010)

De acordo com GOMES, (2009 *apud* Nóvoa 1992) no desenvolvimento do professor devemos considerar a tríade: o pessoal, o profissional e o organizacional. A pergunta que fica é: como ser sujeito, construindo-se educadora de crianças pequenas. O fato é, que quanto mais escrevemos ou falamos sobre a experiência vivida, mais resignificamos.

Segundo GOMES (2009) o processo de construção de identidades profissionais de educadores de crianças pequenas deve ser analisado em três ambientes: a creche, a pré-escola pública e uma instituição de formação superior, não deixando de vislumbrar que a maior parte das profissionais da área da educação são mulheres, devido às relações de poder entre homem e mulher. Abre-se aqui o viés da mulher sentir a necessidade de aperfeiçoamento pessoal, e ver nesta área uma alternativa pessoal e profissional. Cerisara (2002) diz que é uma profissão construída sob o signo do feminino que traz implícita as marcas do processo de socialização entre homem e mulher, tendo por eixo o trabalho doméstico e a maternidade, estes atribuídos culturalmente a mulher.

As creches surgiram em decorrência da mudança imposta pelas transformações do mundo do trabalho e da necessidade de as famílias terem um local seguro para a guarda e proteção das crianças. Observa-se a partir daí o sentido privilegiado do cuidar e da afetividade presente na identidade da educadora de crianças pequenas expressas no carinho e acolhimento da criança no contexto educacional.

A identidade do profissional da educação infantil nem sempre é fácil de analisar. As dificuldades no trabalho e o pouco reconhecimento da profissão são lacunas e barreiras constantes.

As questões relativas à identidade do profissional foram desenvolvidas na área da sociologia. “Ao tratarmos de identidade, estamos referindo as relações de construções de

múltiplas direções.” (GOMES, 2009, p. 32)

Através do diálogo com o grupo é que se passa a construir representações acerca de si.

A atenção volta-se para a questão de se identificar a identidade nestes tempos modernos, pois a preocupação em conhecer a si mesmo e o outro leva a construção da identidade do profissional da educação infantil.

“Nessa ótica, faz-se imperativo o reconhecimento de que a identidade se constrói na relação direta com diferença, em círculos sociais diferenciais, e é o pequeno distingue do “outro” (GOMES, 2009, p. 34)

O avanço das discussões em torno da educação infantil trouxe para o campo dos profissionais um novo olhar, que passa a exigir uma qualificação adequada para profissionais que cuidam das crianças pequenas. A partir desta nova identidade busca-se ocorrer a valorização do mesmo.

De acordo com GOMES (2009) o destaque da identidade profissional na área da educação infantil se deu através dos movimentos de lutas de políticas que vem mudando as características deste novo profissional.

“...estão sendo construídas no interior de uma diversidade de orientações e de grupos sociais que se preocupam com a questão da infância, da mulher e da família, bem como, de modo específico, com a educação infantil”. (GOMES, 2009. p.205)

Com a necessidade da qualificação fica claro para uns que o avanço de um profissional com qualificação do ensino médio ou superior a configurou-se um quadro de substituição para profissionais de creches e pré-escolas que não possuíam a habilitação exigida. No entanto, muitos estão buscando os estudos e formação contínua para atender com competência as crianças.

“Conhecer a natureza do trabalho desenvolvido nas instituições de educação infantil é fundamental tanto para construirmos nossas próprias possibilidades de organizar processos de formação como para levar os sujeitos a voltar o olhar para os sujeitos a problematizarem suas práticas cotidianas.” (GOMES, 2009. p. 207)

Com a responsabilidade da educação infantil a partir de 1996, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), passando para os municípios, Belo Horizonte cria o cargo de Educador Infantil que é específico para primeira etapa da educação básica, podemos perceber que este fato deu se a partir de uma reflexão e uma legislação em que para trabalhar em creches e pré-escolas teria que ter qualificação mínima em magistério.

“Temos que cuidar para estabelecermos, no caso da educação infantil, uma relação com as crianças, dimensão fundamental da prática em educação infantil, certamente sofrerá os reflexos positivos de contar com adultos que possuem uma auto-imagem

positiva e, mais do que isso, que vejam no seu trabalho possibilidades de crescimento pessoal e profissional.” (GOMES, 2009. p 210)

Portanto a situação do profissional da educação infantil, por enquanto não é a ideal e nem a desejada, apesar de ter conseguido alguns avanços.

A luta dos profissionais desta área deve continuar através da participação em movimentos e se especializando cada vez mais para alcançarem os seus espaços e respeito como sujeitos que contribuam para uma sociedade melhor.

4 – REFLETINDO SOBRE A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DA UMEI MARIQUINHAS

Estar vivo é estar em conflito permanente, produzindo dúvidas, certezas sempre questionáveis.

Estar vivo é assumir a educação do sonho cotidiano.

Para permanecer vivo, é preciso educar o medo e a coragem.

Medo e coragem em ousar.

Medo e coragem em assumir a solidão de ser diferente.

Medo e coragem em assumir a solidão de ser diferente.

Medo e coragem de romper com o velho.

Medo e coragem em construir o novo.

Madalena Freire

4.1 – Concepção de Coordenador Pedagógico nos Documentos da SMED

A Coordenação Pedagógica na PBH se define por uma equipe composta pelo Diretor (a) e Vice-diretor (a), Técnico Superior de Ensino e/ou Pedagogo, professores e/ou educadores escolhidos entre os seus pares. Essa equipe de trabalho se responsabiliza pela coordenação, administração e articulações necessárias para o desenvolvimento das propostas pedagógicas da educação infantil, de cada ciclo do ensino fundamental, ensino médio, ensino regular noturno e para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), apontados no Projeto Político Pedagógico da escola.

A função de Coordenador Pedagógico na PBH é assumida desde 1992, pelo professor/educador, que é retirado do grupo de professores/educadores lotado na Escola/UMEI, sendo que a escolha do mesmo é feita mediante as seguintes características:

- Ser um bom ouvinte e implicar o coletivo no encaminhamento das proposições pedagógicas e de gestão escolar;
- Ser um bom mediador, produzir bem em equipe, distribuir tarefas, ter habilidade de escutar o grupo e conciliar opinião divergentes e convergentes apontando caminhos, apresentando propostas, aceitando opiniões, acompanhando ações, avaliando conjuntamente, registrando o processo e produtos finais, convidando o grupo a revisitar os registros;
- Argumentar, enfrentar situações de conflito, mostrando disponibilidade para mudanças e situações novas;
- Ter habilidade para planejar e articular o trabalho desenvolvido dentro e fora da escola

proporcionando a integração com outros espaços socioculturais e promovendo a relação escola/comunidade;

- Investir na própria formação e visualizar as necessidades de formação do seu grupo de trabalho.

A coordenação pedagógica tem um papel relevante no processo de organizar e mediar as ações pedagógicas. “Como articulador do trabalho do ciclo, o coordenador ocupa uma posição estratégica para fomentar um trabalho formativo junto aos docentes” e possibilitar a construção de um currículo mais global e contínuo, priorizando as dimensões formadoras próprias da idade do ciclo e envolvendo todo o coletivo de trabalhadores. (II Congresso Político-Pedagógico da Rede Municipal de Ensino/Escola Plural, 2002)

De acordo com documentos disponibilizados pela Secretaria Municipal de Educação (SMED), são atribuições do Coordenador Pedagógico das UMEI's:

- Desenvolver suas funções realizando o trabalho de acordo com as diretrizes estabelecidas pela SMED;
- Desenvolver o trabalho articulado com a Gerência Regional de Educação e demais instâncias da SMED;
- Desenvolver um trabalho articulado com a vice-direção da UMEI, Direção e coordenação da Escola Núcleo;
- Participar de reuniões quando solicitada pela Escola Núcleo, GERED e SMED ou outras instâncias;
- Responsabilizar-se pela conservação do patrimônio da UMEI;
- Zelar pelo atendimento de qualidade às crianças, garantindo a indissociabilidade das ações de cuidados e educação;
- Encaminhar junto aos órgãos competentes casos de abusos, violação de direitos e negligência com as crianças;
- Estar atenta e tomar providências para solucionar qualquer emergência com crianças ou funcionário da UMEI;
- Orientar os funcionários e educadores sobre o funcionamento da UMEI;
- Coordenar, juntamente com a Direção da escola núcleo e Vice-diretor da UMEI, a construção coletiva do Projeto Político Pedagógico (PPP), bem como o regimento interno da UMEI;
- Coordenar, juntamente com a direção da escola núcleo e vice-diretor da UMEI a elaboração do calendário de funcionamento da UMEI, conforme orientações da SMED, garantindo a participação da comunidade escolar;

- Divulgar para o coletivo todas as orientações, diretrizes e Portarias, bem como correspondências recebidas na UMEI;
- Cuidar para que exista um bom relacionamento entre funcionários da UMEI Escola Núcleo, bem como a comunidade atendida;
- Subsidiar as educadoras no desenvolvimento do trabalho pedagógico, no processo de elaboração efetivação do PPP, na definição do material didático e referências bibliográficas;
- Assegurar, juntamente com as educadoras, a disponibilização de material pedagógico e de uso diário para o trabalho com as crianças;
- Responsabilizar-se, juntamente com o vice-diretor, pelo registro de ocorrências diárias de trabalho na UMEI e encaminhamentos necessários;
- Incentivar o aprimoramento profissional dos funcionários e educadores da UMEI, viabilizando sua participação em processos de formação continuada;
- Organizar, planejar e desenvolver ações de formação com educadores em articulação com os acompanhantes da SMED;
- Promover reuniões de organização e planejamento dos trabalhos desenvolvidos;
- Orientar, acompanhar e supervisionar os educadores nos registros referentes à frequência, projetos e relatórios de acompanhamento individual das crianças;
- Promover reunião com os pais, visando explicitar e discutir a proposta pedagógica, a dinâmica do trabalho, os conteúdos e atividades desenvolvidas, a interação das crianças com a UMEI bem como o processo de desenvolvimento das mesmas;
- Promover junto com o coletivo da UMEI atividades de lazer, recreação, festas, momentos de formação com as famílias (temas relacionados com a educação infantil e outros);
- Conhecer e buscar os projetos culturais da comunidade integrando-os ao trabalho da UMEI;
- Planejar e acompanhar o processo de admissão, o período de adaptação e permanência das crianças na UMEI;
- Organizar, com o coletivo da instituição, uma rotina adequada às crianças, de acordo com a faixa etária e a jornada de atendimento;
- Organizar com os educadores a distribuição de turmas e enturmação, conforme necessidades das crianças e perfil do educador, segundo os documentos: “ Estruturação do Trabalho Escolar da RME/BH – A Organização do Trabalho Coletivo por Ciclos de

Formação” - Resolução 001/2000 – CME/BH ¹e legislação vigente;

- Organizar os horários de chegada e saída das crianças e os tempos dos educadores e funcionário da UMEI;
- Organizar os horários de alimentação e sono das crianças, de acordo com suas necessidades e diretrizes da SMED e SMAAB;
- Planejar e coordenar coletivamente a organização de todos os espaços da UMEI.

4.2- A função do Coordenador Pedagógico

A função do coordenador pedagógico dentro da UMEI é um trabalho exaustivo, que muitas vezes causa sensação de mal-estar, frustração, mas apesar do cansaço, também gera em mim uma sensação de dever cumprido, um gosto pelo que faço. E me faz lembrar que antes de ser coordenadora, sou educadora. E estar ocupando este lugar me permite contemplar o macro da escola, enxergar cada educador, em particular, com suas expectativas, suas dificuldades e seus sucessos, tais como eu tinha quando era educadora como referência

1 Os parâmetros para a organização de grupos de crianças decorrerão da especificidade da proposta pedagógica, das condições do espaço físico e das características do grupo de crianças. A recomendação está prescrita na Resolução CME/BH N° 001/2000 sobre a relação criança – professor/educador, nos termos do Ofício SMED/GCPF/GAB-SMED-N° 715/2006:

- crianças de até 1 ano de idade: até 7 crianças por educador;
- crianças de 1 a 2 anos de idade: até 12 crianças por educador;
- crianças 2 a 3 anos de idade: até 16 crianças por professor/educador;
- crianças 3 a 5 anos de idade: até 20 crianças por professor/educador;
- crianças de 5 a 6 anos de idade: até 25 crianças por professor/educador.

O número de turmas será definido em cada unidade escolar, junto à GERED, tendo como referência o número da salas de aula e sua metragem, observando as seguintes orientações;

- crianças de até 3 anos: número de turmas e crianças definidas pela estrutura física de cada unidade.
- crianças de 3 a 5 anos e 6 meses, de acordo com a seguinte proporção:
 - 60% das turmas: crianças de 5 a 6 anos;
 - 30 % das turmas: crianças de 4 a 5 anos;
 - 10% das turmas: crianças de 3 a 4 anos;
- O percentual indicado poderá ser flexibilizado, observado o fluxo de atendimento.
- Senão houver o preenchimento das vagas nas turmas de criança mais velhas e demanda para as turmas de idade imediatamente abaixo, poderão ser criados agrupamentos flexíveis, considerando as faixas etárias e ainda abertura de turmas de crianças de 2 anos com a jornada parcial.

São características importantes a serem observadas no perfil do professor/educador da Educação Infantil:

Reconhecer as crianças como cidadãos de direitos e deveres;

- Conhecer as especificidades e necessidades desta faixa etária;
- Reconhecer a criança como sujeito competente, que possui conhecimentos e experiências que devem orientar o trabalho pedagógico;
- Perceber, compreender e significar as ações das crianças;
- Compreender e trabalhar com as diferenças;
- Ser um profissional investigador e pesquisador.

de uma turma.

Para obter uma boa formação do profissional é preciso diálogo com ele continuamente no cotidiano da escola e refletir sobre seu papel, problematizando sua atuação, identificando erros e falhas para redirecionar a busca de uma nova prática, consciente e atuante.

Das interações que ocorrem na escola entre educador (as) e colegas, com os alunos e a direção decorre a construção de identidades profissionais e a formação de valores, atitudes e concepções de educação, de homem e de sociedade que segundo PLACCO (2003) é um processo contínuo e complexo que visa refletir sobre a reconstrução da prática cotidiana. Tudo isso gera emoções e sentimentos e mexe com aspectos subjetivos envolvidos.

As exigências e responsabilidades do educador também estão mudando e requerem dele, ser especialista no desenvolvimento social da criança, estar sempre aberto ao mundo e à escola, fazendo o papel de mediador para ligar a criança à realidade de forma a ajudá-la a se constituir enquanto sujeito.

Ao instigar e instalar mudanças ocorrem diversos sentimentos em processo. Cabe ao coordenador gerenciar estas situações e lidar com os diversos sentimentos dos educadores para dar continuidade de forma saudável, ao processo de ensino- aprendizagem.

Portanto, estar atento aos efeitos da afetividade é importante no trabalho de formação em serviço desenvolvido com educador (as). A comunicação é um dos instrumentos mais eficazes para lidar com isso.

Falar e ouvir segundo ALMEIDA (2001) são habilidades de relacionamento interpessoal, que precisam ser construídas no grupo; espaço de autenticidade e verdadeira comunicação.

Assim se fazem necessários encontros sistemáticos entre os educadores (as) e a coordenação, a fim de problematizar a prática e, coletivamente, expressar medos e angústias, os encontros individuais como educador (as) são igualmente importantes. Coordenar implica necessariamente lidar com grupos, no caso da coordenação pedagógica, seria saber organizar, orientar e harmonizar o grupo de professores, alunos, equipe de apoio e pais de sua unidade escolar. De acordo com Perrenoud (2001, p. 30, *apud* PLACCO, 2006, p.95) “... diz que, devido á divisão do trabalho, em uma organização o responsável é “condenado à complexidade”. É bom saber disso quando nos tornamos diretores ou professores, ou temos de mudar de profissão se o descobrimos tarde demais!... Por isso, falar de complexidade significa falar de si mesmo e dos outros diante da realidade. Significa questionar nossa “representação” e nosso “controle do mundo”, especialmente do mundo social... verificar quais são nossas ferramentas de compreensão, de antecipação e de ação.”

O coordenador deve estar atento as necessidades das crianças, pois elas são as protagonistas da educação, por isto uma coordenação com um nível de sensibilidade para perceber as dificuldades dos educadores(as), consegue criar um clima de solidariedade entre o grupo fazendo com que o espaço escolar se torne-se agradável para todos.

4.3 – Relação Coordenador/educadores

Buscando analisar a relação da coordenação pedagógica com as educadoras da UMEI Mariquinhas, realizei um questionário direcionado junto aos educadores referência de cada faixa etária do turno da manhã.

De acordo com as análises das falas das educadoras, quando indagadas de que tipos de apoio da coordenadora sentiam necessidade, percebe-se que entre as turmas de horário parcial não foi apontada nenhuma falha, no que diz respeito a minha presença. Isto é, quando tenho que participar nas reuniões da coordenação na Regional. Elas apontam que são necessárias mais reuniões pedagógicas para suporte e elucidação com relação às práticas diárias.

- *Projetos e necessidades básicas do dia-a-dia* (fala da educadora de 1 ano);
- *A maior dificuldade que tenho é quando é preciso fazer uma inter-relação da coordenação do turno da manhã com o turno da tarde e não obtenho o apoio da direção para fazer a ligação de dois turnos, uma vez que se trata de uma turma integral.* (fala da educadora de 2 anos);

Mas no que se refere as falas das educadoras de turmas do integral, percebe-se uma carência com relação a sugestões de atividades a serem desenvolvidas com as crianças de 0 a 2 anos e meio, pois esta faixa etária demanda maior cuidado, disponibilizando pouco tempo para o educador desenvolver atividades direcionadas. Outro problema apresentado foi a falta de diálogo entre educadores e coordenadores do turno da manhã e da tarde ficando uma lacuna no período intermediário. Nesse caso, a intervenção da direção da escola poderia suprir essa lacuna.

A boa supervisão é um processo de libertar energia das pessoas, buscando a criatividade na solução de problemas comuns e individuais. (LOMONICO, 2005, p. 15)

Nesta análise foi possível perceber a carência das educadoras das turmas do berçário, 1 ano e 2 anos com relação ao apoio da coordenação pedagógica para o desenvolvimento de

atividades direcionadas para esta faixa etária, que precisa ser mais presente e próximo.

Ao indagar as educadoras sobre a atuação da coordenação pedagógica na promoção de melhorias no desenvolvimento pedagógico foi avaliado que ao longo do ano letivo a coordenação tem apresentado melhorias que visam o apoio ao educador no seu dia-a-dia, na elaboração e desenvolvimento de projetos e atividades e dando suporte com relação à materialidade privilegiando a criança.

- *Sim. Sempre apoiando o educador no dia a dia. Desenvolvendo os projetos da melhor maneira possível com cada turma e a necessidade de cada aluno, desenvolvendo o cognitivo e o motor.* (fala da educadora de 1 ano);

O trabalho do coordenador só não é melhor porque na maioria das vezes é deslocado para realização de atividades administrativas, sendo que dentro da unidade existem funcionários com desvio de função que poderiam auxiliar a direção da escola.

- *Tem. Dentro das suas limitações, uma vez que a mesma continua desenvolvendo funções administrativas, apesar de termos duas funcionárias. Sobre o desvio de função, ela é constantemente solicitada para desenvolver trabalhos administrativos perdendo-se um tempo que poderia ser aproveitado como orientação pedagógica.* (fala da educadora de 2 anos);

Segundo LOMONICO (2005), Spears (1953 p. 15-17) afirma que supervisão é um processo para efetuar o aprimoramento do ensino, através do trabalho com pessoas que estão lidando com alunos. Uma das educadoras expressa-se nessa direção:

- *Sim. Ajudando com projetos dentro de sala de aula e quando nós temos necessidades; ajudando com atividades dentro de sala de aula, realizando entregando muitas coisas na mão para gente, pois o tempo é corrido. A coordenação que nós estamos tendo comparando com a do ano passado está 100%.* (fala da educadora de 4 anos);

A partir da análise das falas das educadoras foi possível perceber que o trabalho do coordenador é processual, contínuo e não consegue sanar todas as necessidades do grupo ao mesmo tempo. Melhorias já ocorreram e continuarão ocorrendo, mas ela continuará buscando formas de alcançar êxito em todos os ciclos da infância, priorizando a criança dentro deste processo.

Após indagar sobre as possíveis dificuldades enfrentadas pela coordenação e as

possibilidades de sanar, as educadoras não têm percebido maiores dificuldades na atuação do coordenador pedagógico.

- *Sim. O maior stress dentro da escola hoje é o comportamento de um dos educadores, só que ele é um homem formado, de opinião e de caráter próprio. Não adianta você como coordenadora, não pode mudar as atitudes e a personalidade dele. É difícil porque ele acaba gerando uma série de situações que geram mal estar, querendo influenciar os outros educadores. Não está desempenhando bem as funções dele, trata mal os alunos, faz um tanto de exigências que não têm cabimento. São coisas que não têm como você sanar. A falta de definição do papel do coordenador limita até onde você pode ir. Então, você vai por base à observação de outros educadores que já foram coordenadores. Você como educadora tenta sanar a falta de professores, sabe se organizar e na falta de material, busca recursos de fora para nos auxiliar. Outras dificuldades não têm como sanar porque não tem embasamento. (fala de educadora de 2 anos);*

Fica clara a inquietação do grupo quanto ao comportamento de um dos educadores que destoa do conjunto. No entanto, parece haver clareza de que esta questão está além das capacidades da coordenação, neste momento para tentar resolver este problema. Percebe-se também que o grupo vê na pessoa do coordenador pedagógico um suporte a quem recorrer em momentos de dificuldades, sejam elas profissionais ou pessoais, como pode ser percebido na fala da educadora:

- *Sim. Acho que toda a coordenação enfrenta dificuldades, eu falo porque eu sou supervisora, eu sei o que a coordenação passa por mais que ela tenta ajudar o professor que está dentro da sala de aula ele acaba sendo estressado. Ele é a válvula de escape do professor, eu sei disso porque eu estresso a minha coordenadora. Eu sou estressada à tarde como supervisora, então para sanar estas dificuldades...
Para falar a verdade ainda não descobri. Queria descobrir, porque aí eu poderia sanar a minha dificuldade à tarde. Eu sei que o coordenador é a válvula de escape do professor. (fala da educadora de 4 anos);*

Segundo LOCOMONICO (2005), Wiles considera a supervisão como um trabalho de grupo que procura estimular os professores a utilizarem toda a potencialidade. Focaliza muito o problema das relações humanas, processo de grupo, administração de pessoal e avaliação.

Na fala do grupo foi possível notar que o papel do coordenador vai além do pedagógico. Ele deve estar atento às necessidades do grupo e ser sensível às alterações comportamentais deste grupo, de forma a prestar auxílio e apoio, que pode ser traduzido em

um ouvir o outro ou uma palavra amiga.

Em análise feita das sugestões dadas pelas educadoras para melhorias da atuação da coordenação pedagógica dentro da UMEI, pode-se perceber em suas falas a necessidade de manter o clima amigável dentro das reuniões e dinâmicas realizadas, assim como maior autonomia na atuação do coordenador.

- *Contando com a coordenação, promover reunião de grupos, dinâmica como você fez na última reunião pedagógica.* (fala da educadora do berçário);
- *Eu acho o que é feita pela nossa coordenação conosco e, penso que para as outras pessoas também, levando com sorrisos, na brincadeira e um clima de amizade. Isto ajuda a gente, a saber, que vai poder contar.* (fala da educadora de 4 anos);

Para o grupo, a coordenação ainda atua muito dentro da área administrativa desperdiçando um tempo que poderia ser mais bem aproveitado em reuniões pedagógicas e dinâmicas de grupo. O grupo sugere que as funções do coordenador sejam determinadas dentro do PPP da UMEI embasando as reivindicações do grupo.

- *Determinar dentro do Projeto Político Pedagógico o papel e função do coordenador descrevendo quais suas atribuições e obrigações desta forma, viabilizando e facilitando o desenvolvimento da função.* (fala da educadora de 2 anos);

(...) o coordenador pedagógico não possui autoridade legal. Contudo, para que possa exercer suas atribuições essenciais, com sucesso, ele deve ter alguma delegação de autoridade que nas escolas, objeto de nosso estudo, tem assumido as seguintes formas: Autoridade pela competência - conseguida através de seu trabalho e capacidade. O corpo docente, com qual trabalha, confere-lhe esta autoridade por reconhecer seus méritos, sua capacidade profissional (...). (LOMONICO, 2005, p.17)

Ao indagar o grupo sobre como a coordenação pedagógica pode ajudar no desenvolvimento do trabalho pedagógico, nota-se que possuem dificuldades em identificar e elaborar projetos e atividades adequados a cada faixa etária.

- *Em minha opinião, cabe ao coordenador pedagógico auxiliar o educador na elaboração e desenvolvimento de projetos e atividades adequadas a cada faixa etária respeitando as especificidades de cada turma; auxiliar o educador em momentos críticos que fogem ao comportamento padrão, tanto da turma quanto da criança individualmente sem deixar de respeitar o educador, mas focando as ações no melhor atendimento e desenvolvimento da criança.*

Cabe também ao coordenador manter o vínculo afetivo, entre os educadores se possível fazendo o uso de dinâmicas, atendimento individualizados, garantindo o equilíbrio necessário para se trabalhar na educação infantil onde o cuidar e o educar andam juntos. (fala da educadora de 2 anos);

Buscam na pessoa do coordenador o suporte que irá amenizar as suas dificuldades e ansiedades. De acordo com as falas, cabe ao coordenador criar momentos de formação interna para o grupo, onde serão tratadas questões e anseios do dia a dia.

- *Orientando, auxiliando nos projetos, intervindo junto à direção quanto à necessidade do educador, dinâmicas em todas as reuniões pedagógicas e continuando até a sua “aposentadoria”, pois em time que está ganhando não devemos mexer. (fala da educadora de 5 anos);*

(...) A ação do coordenador, tal qual a do professor, traz subjacente um saber fazer, um ser e um saber agir que envolvem, respectivamente, as dimensões, humano-interacional e política desse profissional e se concretizam em sua atuação. (ORSOLON, 2002, p.19)

Devido ao receio de agir de forma inadequada com crianças pequenas, passíveis de traumas na vida escolar que se inicia, os educadores buscam no coordenador pedagógico o apoio que vai lhe dar segurança para atuar com tranquilidade em sala de aula.

Pode-se perceber que o papel do coordenador pedagógico dentro da UMEI é visto como um suporte que vem firmar os conhecimentos prévios e proporcionar uma nova visão da educação infantil, independente da faixa etária na qual atua. Cabe ao coordenador promover momentos de concentração, segurança e sentimento de confiança para os educadores com quem atua, o que demanda maior disponibilidade de tempo deste profissional. Isso só será possível quando não mais exercer funções administrativas e houver uma regulamentação dentro do PPP da UMEI sobre as funções que cabem ao coordenador, pois até o presente momento ele não é reconhecido aparecendo somente no Regimento que ainda está em construção.

4.4– Reflexão sobre a prática

Com o intuito de gerar um momento de reflexão sobre a prática dos educadores, foi

proposta para o grupo uma dinâmica onde foram desenvolvidos os seguintes passos:

1ª Etapa: Desenvolver uma dinâmica onde no final os educadores fizeram uma análise da mesma, tendo como base a sua relação interpessoal no seu dia a dia.

DINÂMICA:

- dividir-se em dois grupos onde cada grupo deverá ter um observador e redator durante toda a dinâmica;
- o observador vendará os olhos da metade do seu grupo e a outra metade serão os seguidores dessas pessoas;
os componente de olhos vendados carregarão o recipiente contendo macarrão através do elástico segurando no elástico sem encostar no recipiente.
- cada componente do grupo que está de olhos vendados pegará na ponta do elástico e terá que suspender o vasilhame todos juntos e levar até o local demarcado colocar no chão levantar de novo e voltar para o local de partida, **sem deixar o recipiente cair**. os seguidores serão os guias através da fala sem encostar nos colegas de olhos vendados. utilizando as palavras: pra frente, pra baixo, pra direita, pra esquerda...
- ganhará a dinâmica o grupo que chegar primeiro e com mais macarrão no vasilhame.

MATERIALIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA DINÂMICA

- tecido para vender os olhos;
- caneta;
- papel;
- vasilhame;
- elástico;
- macarrão

2ª Etapa: Conclusão da dinâmica. Aconteceu um debate relacionando a dinâmica com a prática diária dentro da UMEI.

DIRECIONAMENTO DE REFLEXÃO APÓS A DINÂMICA

- 1) Sentimentos gerados durante a dinâmica dos integrantes de olhos vendados.
- 2) Sentimentos gerados das pessoas que guiaram os colegas na dinâmica.
- 3) Opinião do observador durante a dinâmica
- 4) Momento de reflexão do grupo

3º Etapa: Após feita a dinâmica indaguei o grupo nas reuniões de coordenação que acontecem quinzenalmente sobre o que cada um está fazendo ou pode fazer para melhorar as relações dentro da escola no dia a dia

- No que você tem contribuído para melhorar as relações dentro da escola?
- O que você pode fazer daqui para frente para que o clima e as relações dentro da escola estejam sempre em harmonia?

REALIZAÇÃO DA DINÂMICA DO DIA 03/08

1º Momento : Orientação para criarem duas equipes para dinâmica.

1ª equipe : Lisa¹, Marlúcia, Leticia e Edna Lopes.

2ª equipe : Edna Salomão, Kellem, Cléia

2º -Como foi a sensação de levar o macarrão (grupo da Lisa, Edna Lopes, Marlúcia) .

Lisa – *Ficou insegura, a Marlúcia começou a rir, ai deu uma desconcentrada, porque eu estava levando a dinâmica a sério, eu senti que a Marlúcia não levou a sério. A sensação de depender do outro foi horrível.*

Edna Lopes - *Me senti insegura, uma sensação estranha, porque eu estava de costa aí quando a Eliane mandou para frente eu não sabia qual frente, teria que ter orientado melhor como por exemplo dizendo direita esquerda.*

Marlúcia - *quando o Macarrão estava caindo deveria ter orientado melhor, dizendo levanta a mão, abaixa .*

Cléia – *faltou comunicação também, cada uma estava fazendo de um jeito na ida, na volta nós já nos organizamos melhor.*

Lisa – *A Marlúcia desconcentrou, eu ouvia as gargalhadas dela, Carla diz :*

_ Lisa tudo é culpa da Marlúcia (um momento de descontração entre o grupo.)

Magda – *Eu gostei sinceramente quando foi que não tinha macarrão nos dois pratos das equipes, aí pensei, ta tudo igual, beleza! Então temos uma chance, vamos tentar nos concentrarmos. A sensação é de insegurança, impotência, é chato depender do outro, foi péssimo, ficar por conta do outro.*

Kellem – *Na ida estávamos desconcentradas, no entanto na volta nós combinamos, eu e Edna*

1 Todos os nomes citados foram autorizados a constatar no trabalho

Salomão, vamos juntinhas, foi uma estratégia para ganharmos a dinâmica.

Kellem – Pode observar pela fala de quem observou que ocorreu uma inversão na dinâmica a 1ª equipe, quando foi , chegaram com mais macarrão, a 2ª equipe concentrou mais na volta.

Edna Lopes – Questionou então, se as duas equipes não teriam ganhado?

Fabiana - Não! Objetivo da dinâmica é ir e voltar com o prato com macarrão, e a 1ª equipe não conseguiu chegar, só conseguiram ir, porém voltar foi a 2ª equipe.

3º Momento - Qual e sensação de quem orientou.

Miriam - eu não podia fazer muita coisa não elas, ainda mais elas estava com vendas nos olhos, dependia mais delas do que de mim.

Eliane – É complicado, pois quando você fala com uma, a outra já levantou é muito complicado.

4º Momento - Relato das educadoras que ficaram somente observando a dinâmica.

Cleide - Olhos vendados cada equipe saíram com o seu prato de macarrão, ir e voltar, eu pensei assim uma equipe estava rindo e até sapateando, a outra equipe estava mais concentrada.

Edilene - A 1ª equipe, da Lisa, foi melhor na ida, porém na volta quando perceberam que o macarrão tinha caído, elas desesperaram, no entanto a 1ª equipe estavam mais afinados.

5º Momento - Fabiana pergunta:

_ Em que esta dinâmica pode nos ajuda em nosso em dia a dia?

Edna Lopes – Bem todo mundo estava junto.

Cléia - Quando cada um vai para um lado, não da certo.

Marlúcia – Objetivo é ter que chegar no lugar, as pessoas possam trabalhar todas juntas, em equipe.

Cleide - Cada um é diferente.

Marlúcia – Olhar, escutar o outro que esta do lado de fora.

Lisa – É saber que pode contar com ajuda dos outros, eu aprendi a ouvir.

Marlúcia – Quem esta de fora enxerga melhor.

Lisa – Mais tem que querer a mudança, pois se nós formos com fogo e ferro, não adianta nada, você tem que querer mudar. Tem que ter humildade de reconhecer e aceitar a opinião de um colega.

Marlúcia – O que outro faz, não é somente para ele atinge a todos. Prejudicar a imagem da instituição prejudicará a todos.

Carla – Não é somente no positivo que afeta o outro o negativo também.

Lisa - *Nos não damos atenção para nossos amigos que estão próximo de nós.*

Marlúcia - *Dá um exemplo da morte da irmã do Padre Fábio de Melo (conforme em anexo). Como não é de conhecimento de outras pessoas o fato ocorrido com este padre tive o cuidado de estar acrescentando na fala da colega acima.*

Lisa – *Aprendi a dividir a compartilhar os momentos bons e ruins. Estou procurando melhorar, se Deus quiser vou melhorar cada vez mais e quero que todos compartilhem do meu trabalho e crescimento.*

Kellem - *Em nossos caminhos vão ter pedras, macarrões e temos que saber trabalhar com as dificuldades. Cada um tem a sua contribuição, cada um tem que ajudar o outro. Criar estratégias para desenvolver um bom trabalho, dizendo vou dar o melhor , se o macarrão cai, continua, mesmo que caia, pois vale a pena ir até o fim. Valeu a pena o macarrão ter caído, pois desenvolveu a união do grupo.*

Fazendo uma análise da dinâmica percebi que o grupo no primeiro momento teve uma certa dificuldade em confiar no outro, mas no desenvolver da dinâmica, passou a acreditar e confiar nos colegas, tanto os que estavam direcionando quanto os que faziam parte da sua equipe de olhos fechados.

“A mudança na escola só se dará quando o trabalho for coletivo, articulado entre todos os atores da comunidade escolar, num exercício individual e grupal de trazer as concepções, compartilhá-las, ler as divergências e as convergências e, mediante esses confrontos construir o trabalho.” (PLACCO, 2002, p. 21)

Após a realização da dinâmica o grupo se tornou mais unido, procurando ouvir, compreender e quando possível ajudar o colega.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de artigos, livros e documentos da SMED me possibilitaram uma visão mais aprofundada sobre a coordenação pedagógica dentro da escola e todas as demandas que chegam todos os dias até este profissional dentro da complexidade do espaço escolar.

Muitas vezes o que está nos documentos não é o que acontece, percebo que o dia-a-dia na escola é muito pesado, o Coordenador Pedagógico no exercício profissional, articulador e mobilizador da equipe escolar, está vivenciando suas atividades intencionais voltadas para a melhoria do fazer pedagógico de cada turma, mas possui funções múltiplas e significativas nas quais é preciso muita atenção e disciplina para não ser atropelado pela gama de acontecimentos que eclodem o tempo todo.

Segundo ALMEIDA e PLACCO (2006) o trabalho do coordenador precisa se pautar em ações de três tipos: **preventiva** - consiste em acompanhar o processo pedagógico, a fim de obter resultados positivos na melhoria do ensino-aprendizagem; **construtiva** - auxiliar o docente a superar suas dificuldades de maneira positiva e cooperativa no grupo; **criativa** - estimular a iniciativa do docente, buscar novos caminhos, pesquisar e criar novos recursos do ensino.

A coordenação pedagógica na “rede pública municipal” não tem um espaço definido e esta realidade se encontra tanto no Ensino Fundamental quanto especificamente, na Educação Infantil. Sendo um cargo de funções múltiplas precisa conquistar seu espaço na organização escolar delimitando o espaço deste profissional dentro da escola.

O coordenador é escolhido e eleito pelos professores e pela direção conforme sua simpatia, interação e integração com o grupo e por último, pelo seu perfil e competência para exercer o cargo. As reflexões e análises permitem afirmar que seria mais efetivo se o supervisor / coordenador pedagógico fosse contratado com clareza de suas funções, com formação específica para exercer o trabalho, com diferenciação de salário e com a garantia do seu espaço.

Muitas vezes este profissional faz tudo na escola, perde muito tempo “apagando incêndios”, dificultando assim o desempenho do Coordenador Pedagógico.

Estava previsto dentro deste trabalho entrevista com a Acompanhante da Regional, mas não foi possível, pois a Gerente Geral da Regional Norte não autorizou que as Acompanhantes dessem qualquer tipo de entrevista. Esta inviabilidade me causou um enorme transtorno, pois não tive como fazer uma análise mais profunda sobre o assunto da

Coordenação Pedagógica dentro da visão das mesmas.

Neste trabalho contei com a disponibilidade de alguns documentos da SMED, que permitiram analisar a questão proposta considerando as proposições da política municipal.

Após desenvolvimento da dinâmica, percebi que o clima entre os educadores melhorou bastante, passaram a ser mais receptivos em relação às intervenções da coordenação e também da vice-direção. A partir desta melhora no clima escolar, os educadores passaram a se socializarem nos momentos de oração e durante a rotina diária da escola. Interpreto essas ações como evidência de que houve mudanças na disponibilidade para interações.

Os encontros eram feitos no último horário de projeto. Com a dificuldade nos horários dos encontros, este momento passou a ser antes do horário de entrada.



Figura 4 – Momento de oração

No período destinado a este momento de oração, é feita uma leitura de alguma passagem bíblica, onde se faz a reflexão da mesma no seu dia a dia, finalizando com a confraternização de abraços.



Figura – 5 Confraternização após a oração

Portanto, não consegui alcançar todos os objetivos propostos, mas considero uma utopia da minha parte de conseguir a união de todo o grupo, porém iniciei uma nova era em que com dedicação e empenho proporcionei aos colegas um ambiente mais saudável com a intenção de mostrar o real papel do Coordenador Pedagógico dentro da UMEI Mariquinhas.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO, Marilda Moraes Garcia, HEYMEYER, Úrsula, **Educação Infantil - Referencial Curricular Nacional: das possibilidades às necessidades**, ago. 2003. Disponível em www.ibe.gov.br/.../Nossos_Meios_RBC_RevAgo2003_Artigo_2.rtf Acesso em 04 jun 2010.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998 p. 13

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 1996

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Fundamentos da Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução. In: BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari, **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. Cap. 1, p 19-84.

CUNHA, Renata C.O.B. O coordenador pedagógico. **Educação Unisinos**, Campinas, v.9, n.3, p. 198-202, set./dez. 2005

BELO HORIZONTE, Secretaria Municipal de Educação, **Estruturação do trabalho escolar na RME BH: A organização do trabalho coletivo por ciclos de formação**, dez. 2006.

FILHO, José Leão M. Falcão. Coordenador Pedagógico. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v.13, n. 75, 48-58, maio/jun. 2007.

GOMES, Marineide de Oliveira. **Formação de professores na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2009, 237 p.

KRAMER, Sonia. **Profissionais de educação infantil: gestão e formação**. São Paulo: Ática, 2005, 253 p.

LOMONICO, Circe Ferreira. **Atribuições do coordenador pedagógico**. 3ª ed. São Paulo: Edicon, 2005, 144p.

MACHADO, Maria Lucia de A, et al. **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 35- 42.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998 p. 23

NUNES, Maria Fernanda; CORSINO, Patricia; KRAMER, Sonia, Formação de profissionais da educação infantil: um desafio para as políticas municipais. In: KRAMER, Sonia. **Profissionais de educação infantil gestão e formação** 2005, p. 16.

ORSOLON, Luzia Angelina Marino. O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 17-26

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho, **O coordenador pedagógico e o espaço de mudança**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002, 127 p.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho, **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2006, 183 p.

[REDIN, Euclides. Qual o perfil profissional de Educação Infantil? Disponível em:](#)

http://www.ibmcomunidade.com.br/kidsmart/detLeitura.asp?codigo_leitura=14&codigo_idio

[ma=3](#) acesso em 26 de jul.

TRABALHO COLETIVO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO, II Congresso Político-Pedagógico da Rede Municipal de Ensino/Escola Plural. Belo Horizonte, 2002, p. 7.

APÊNDICE

7- APÊNDICE 1 – PERGUNTAS E RESPOSTAS DOS EDUCADORES

1- De que tipo de apoio do coordenador você sente necessidade?

- *Acho que é o apoio em sugestões de atividades para os alunos. mas que na verdade, o berçário não tem muitas atividades. No meu caso quando cheguei ao berçário pela primeira vez não tive nenhum norte, pois não é só o cuidado, tem muitas coisas. É necessário trabalhar outras atividades. É isto mesmo. É ajudando e apoiando.* (fala de educadora do berçário);
- *Projetos e necessidades básicas do dia-a-dia* (fala da educadora de 1 ano);
- *A maior dificuldade que tenho é quando é preciso fazer uma interrelação da coordenação do turno da manhã com o turno da tarde e não obtém o apoio da direção para fazer a ligação de dois turnos, uma vez que se trata de uma turma integral.* (fala da educadora de 2 anos);
- *Em relação ao coordenador nenhuma, não ser quando ela está!* (fala da educadora de 4 anos);
- *Pedagógica* (fala da educadora de 4 anos);
- *A minha coordenadora me apoia em todas as necessidades pedagógicas.* (fala da educadora de 5 anos);

2- Em sua opinião coordenação pedagógica na promoção de melhorias no desenvolvimento pedagógico dentro da UMEI? De que maneira?

- *Sim. eu acho que a coordenação em geral, pois lidar com o outro é muito complicado e nem sempre vai agradar todo mundo, sempre vai ter críticas. Nunca as pessoas estão satisfeitas, sempre alguém vai falar que não está bom. Sanadas não, podem ser amenizadas.* (fala de educadora do berçário);
- *Sim. Sempre apoiando o educador no dia a dia. Desenvolvendo os projetos da melhor maneira possível com cada turma e a necessidade de cada aluno, desenvolvendo o cognitivo e o motor.* (fala da educadora de 1 ano);
- *Tem. Dentro das suas limitações, uma vez que a mesma continua desenvolvendo funções administrativas, apesar de termos duas funcionárias. Sobre o desvio de função, ela é constantemente solicitada para desenvolver trabalhos administrativos perdendo-se um tempo que poderia ser aproveitado como orientação pedagógica.* (fala da educadora de 2 anos);
- *Sim. Ajudando com projetos dentro de sala de aula e quando nós temos necessidades; ajudando com atividades dentro de sala de aula, realizando entregando muitas coisas na mão para gente, pois o tempo é corrido. A coordenação que nós estamos tendo comparando com a do ano passado está 100%.* (fala da educadora de 4 anos);
- *Tem, opiniões que ajudam.* (fala da educadora de 4 anos);
- *Sim. A partir do momento em que me auxilia o tempo todo no campo pedagógico e físico com as crianças e da materialidade. Concretizando os meus objetivos educacionais.* (fala da educadora de 5 anos);

3- A coordenação pedagógica tem enfrentado alguma dificuldade? É possível sanar estas dificuldades?

- *Eu acho que já melhorou muito. Agora você não faz mais trabalhos administrativos, tem pessoas auxiliando você, tem ficado mais na parte pedagógica. (fala de educadora do berçário);*
- *Nenhuma sugestão, comigo está ótimo. Você tem apresentado vários projetos tem apoio em tudo que você precisa e tem ajudado na hora, de acordo com as necessidades da escola. Eu acho que não precisa mudar nada não. (fala da educadora de 1 ano);*
- *Sim. O maior stress dentro da escola hoje é o comportamento de um dos educadores, só que ele é um homem formado, de opinião e de caráter próprio. Não adianta você como coordenadora, não pode mudar as atitudes e a personalidade dele. É difícil porque ele acaba gerando uma série de situações que geram mal estar, querendo influenciar os outros educadores. Não está desempenhando bem as funções dele, trata mal os alunos, faz um tanto de exigências que não têm cabimento. São coisas que não têm como você sanar. A falta de definição do papel do coordenador limita até onde você pode ir. Então, você vai por base a observação de outros educadores que já foram coordenadores. Você como educadora tenta sanar a falta de professores, sabe se organizar e na falta de material, busca recursos de fora para nos auxiliar. Outras dificuldades não têm como sanar porque não tem embasamento. (fala de educadora de 2 anos);*
- *Sim. Acho que toda a coordenação enfrenta dificuldades, eu falo porque eu sou supervisora, eu sei o que a coordenação passa por mais que ela tenta ajudar o professor que está dentro da sala de aula ele acaba sendo estressado. Ele é a válvula de escape do professor, eu sei disso porque eu estresso a minha coordenadora. Eu sou estressada à tarde como supervisora, então para sanar estas dificuldades...*
Para falar a verdade ainda não descobri. Queria descobrir, porque ai eu poderia sanar a minha dificuldade a tarde. Eu sei que o coordenador é a válvula de escape do professor. (fala da educadora de 4 anos);
- *Não, da minha parte tenho colaborado o máximo que posso. Em relação a escola não sei, porque a gente fica em sala de aula e não sabe o que acontece na escola. (fala da educadora de 4 anos);*
- *Mais ou menos, pelo que eu vejo a maior parte do grupo está procurando trabalhar corretamente participando das reuniões pedagógicas. Infelizmente a apenas um educador que finge de morto, não dialoga com ninguém, não participa das dinâmicas proposta para o grupo, não consegue socializar dentro da unidade criando um mal estar para ele. Infelizmente, ele quer que só as suas idéias prevaleçam, não criando um caminho para um consenso amigável, pois dentro de um grupo temos que compartilhar idéias e não impo-lás. (fala da educadora de 5 anos).*

4- Que sugestões você apresentaria, em uma tentativa de melhorar a atuação da coordenação pedagógica?

- *Contando com a coordenação, promover reunião de grupos, dinâmica como você fez na última reunião pedagógica. (fala da educadora do berçário);*

- *Determinar em discussão com o grupo o papel e atribuições da coordenação, não desempenhar obrigações da vice direção e secretaria, estruturar discussões/reuniões individuais com o professor referência a respeito do seu trabalho em sala a fim de somar e trocar informações.* (fala da educadora de 1 ano);
- *Determinar dentro do Projeto Político Pedagógico o papel e função do coordenador descrevendo quais suas atribuições e obrigações desta forma, viabilizando e facilitando o desenvolvimento da função.* (fala da educadora de dois anos);
- *Eu acho o que é feita pela nossa coordenação conosco e, penso que para as outras pessoas também, levando com sorrisos, na brincadeira e um clima de amizade. Isto ajuda a gente, a saber, que vai poder contar.* (fala da educadora de 4 anos);
- *Eu acho que a direção tem que dar mais espaço para a coordenação, para a coordenação ajudar a gente mais.* (fala da educadora de 4 anos)
- *Nenhuma.* (fala da educadora de 5 anos);

5- Como a coordenação pedagógica pode ajudar no desenvolvimento do trabalho pedagógico?

- *Ajudando nos projetos, sugestões e atividades. Promover reuniões com os pais.* (fala da educadora do berçário);
- *Estando junto, apoiando, incentivando dando sugestões e discutindo as questões que surgem na turma. E tendo a sensibilidade de ouvir o professor com relação a problemas pessoais que irão interferir na sua prática.* (fala da educadora de 1 ano);
- *Na minha opinião, cabe ao coordenador pedagógico auxiliar o educador na elaboração e desenvolvimento de projetos e atividades adequadas a cada faixa etária respeitando as especificidades de cada turma; auxiliar o educador em momentos críticos que fogem ao comportamento padrão, tanto da turma quanto da criança individualmente sem deixar de respeitar o educador, mas focando as ações no melhor atendimento e desenvolvimento da criança. Cabe também ao coordenador manter o vínculo afetivo, entre os educadores se possível fazendo o uso de dinâmicas, atendimento individualizados, garantindo o equilíbrio necessário para se trabalhar na educação infantil onde o cuidar e o educar andam juntos.* (fala da educadora de 2 anos);
- *Se continuar o trabalho do jeito que está, tenho louvado muito. O momento de descontração une o grupo, sempre puxa o outro para trabalhar junto do grupo isto ajuda muito e a coordenação tem destreza para trabalhar isto, é o que está acontecendo conosco, se continuar a sim nota 10. Coordenação continue assim para o ano que vem, pois está ótimo.* (fala da educadora de 4 anos);
- *Pode e deve. Eu acho que a coordenação tem que acompanhar o trabalho do professor podendo intervir quando o trabalho não está legal, pois a gente está tão concentrada que você não percebe. O coordenador e o professor têm que está sempre junto.* (fala da educadora de 4 anos);
- *Orientando, auxiliando nos projetos, intervindo junto à direção quanto à necessidade do educador, dinâmicas em todas as reuniões pedagógicas e continuando até a sua “aposentadoria”, pois em time que está ganhando não devemos mexer.* (fala da educadora de 5 anos);

ANEXO

8 ANEXO – FALA DO PADRE FÁBIO DE MELO

Eu acho que a gente vive tão mal, que às vezes a gente precisa perder as pessoas pra descobrir o valor que elas têm. Às vezes as pessoas precisam morrer pra gente saber a importância que elas tinham, e isso aconteceu uma vez na minha vida.

Estava eu na minha casa, de manhã, quando recebi um telefonema dizendo que minha irmã estava morta.

Minha irmã mais nova, cheia de vida... de repente não existe mais. Fico pensando assim, que às vezes, na vida, o ensinamento mais doído seja esse: quando na vida nós já não temos mais a oportunidade de fazer alguma coisa, o inferno talvez seja isso - a impossibilidade de mudar alguma situação. E quando as pessoas morrem, já não há mais o que dizer, porque mortos não podem perdoar, mortos não podem sorrir, mortos não podem amar, nem tão pouco ouvir de nós que os amamos.

Eu me lembro que uma semana antes de minha irmã morrer, ela havia me ligado. Foi a última vez que eu falei com ela, e eu me recordo que naquele dia eu estava apressado, com muita coisa pra fazer, e fiz questão de desligar o telefone rápido. Sabe quando você fala, mas fala na correria, porque você tem muita coisa pra fazer? E foi assim... se eu soubesse que aquela seria a última oportunidade de ver minha irmã, de olhar nos olhos dela, de falar com ela, eu certamente teria esquecido toda a pressa, porque quando a vida é assim, e você sabe que é a última oportunidade, você não tem pressa pra mais nada. Já não há mais o que eu fazer, e essa é a beleza da última ceia de Jesus.

Não há pressa, o momento é feito para celebrar, a mística da última ceia está ali, Jesus reúne aqueles que pra ele tinha um valor especial, inclusive o traidor estava lá.

E eu descobri com isso, com a morte da minha irmã, que eu não tenho o direito de esperar amanhã pra dizer que amo, pra perdoar, para abraçar, dizer que é importante, que é especial.

O amanhã eu não sei se existe, mas o agora eu sei que existe, e às vezes, na vida, nos perdemos... Eu me lembro quantas vezes na minha vida de irmão com ela, nós passávamos uma semana sem nos falarmos, porque houve uma briga, uma confusão. A gente se dava o luxo de passar uma semana sem se falar, e hoje eu não tenho mais nem 5 minutos pra conversar com alguém que foi importante, que foi parte de mim.

Não espere as pessoas morrerem, irem embora, não espere o definitivo bater na sua porta. Nós não conhecemos a vida e não sabemos o que virá amanhã. Viva como se fosse o último dia da sua história. Se hoje você tivesse que realizar a sua última ceia, porque é conhecedor que hoje é o último de sua vida, certamente você não teria tempo pra pressa. Você

celebraria até o fim, e gostaria de ficar ao lado de quem você ama.

E depois que minha irmã morreu, um tempo bem passado, eu descobri porque eu gostava tanto dessa música que vou cantar agora. Ela não fala de um amor que foi embora; o compositor fez para a filha que morreu em um acidente; então, fica muito mais especial cantá-la e descobrir o cristianismo que está no meio das palavras, porque é assim, quando o outro vai embora é que a gente descobre o tamanho do espaço que ele ocupava.

“Não sei por que você se foi,
Quantas saudades eu senti,
E de tristezas vou viver,
E aquele adeus não pude dar...

Você marcou a minha vida
Viveu, morreu
Na minha história;
Chego a ter medo do futuro
E da solidão
Que em minha porta bate...
E eu!
Gostava tanto de você
Gostava tanto de você...

Eu corro, fujo
desta sombra
Em sonho vejo
este passado,
E na parede do
meu quarto
Ainda está o seu retrato.

Não quero ver pra
não lembrar.
Pensei até em
me mudar...

Lugar qualquer que
não exista
O pensamento em você...
E eu!
Gostava tanto de você...”

Agora, o triste da música é que a gente precisa conjugar o verbo no passado, a pessoa já morreu, já não há mais o que fazer. Mas não tem nenhum sofrimento nessa vida que passe por nós sem deixar nenhum ensinamento...

Tem que nos ensinar, não dá pra sofrer em vão. Alguma coisa a gente tem que extrair...

Extraia o sofrimento e descubra o ensinamento. Se ele algum dia me tocou e me deixou algum ensinamento, eu faço questão de partilhá-lo com você agora. Depois da morte da minha irmã eu faço questão de viver a vida como se fosse o último dia.

Já que o passado é coisa do inferno, e a gente não está no passado, muito menos no inferno, resta a possibilidade de mudar o verbo, de trazê-lo para o presente e de cantá-lo olhando para as pessoas que são especiais. Quem sabe cantando pra ela nesse momento...

Se ela está ao seu lado, se você tem algum amigo que mereça ouvir isso de você, alguém que faz diferença na sua história...

Vamos mudar o verbo! Vamos amar a vida! Vamos amar as pessoas antes que elas vão embora!

(Pe. Fábio de Melo)